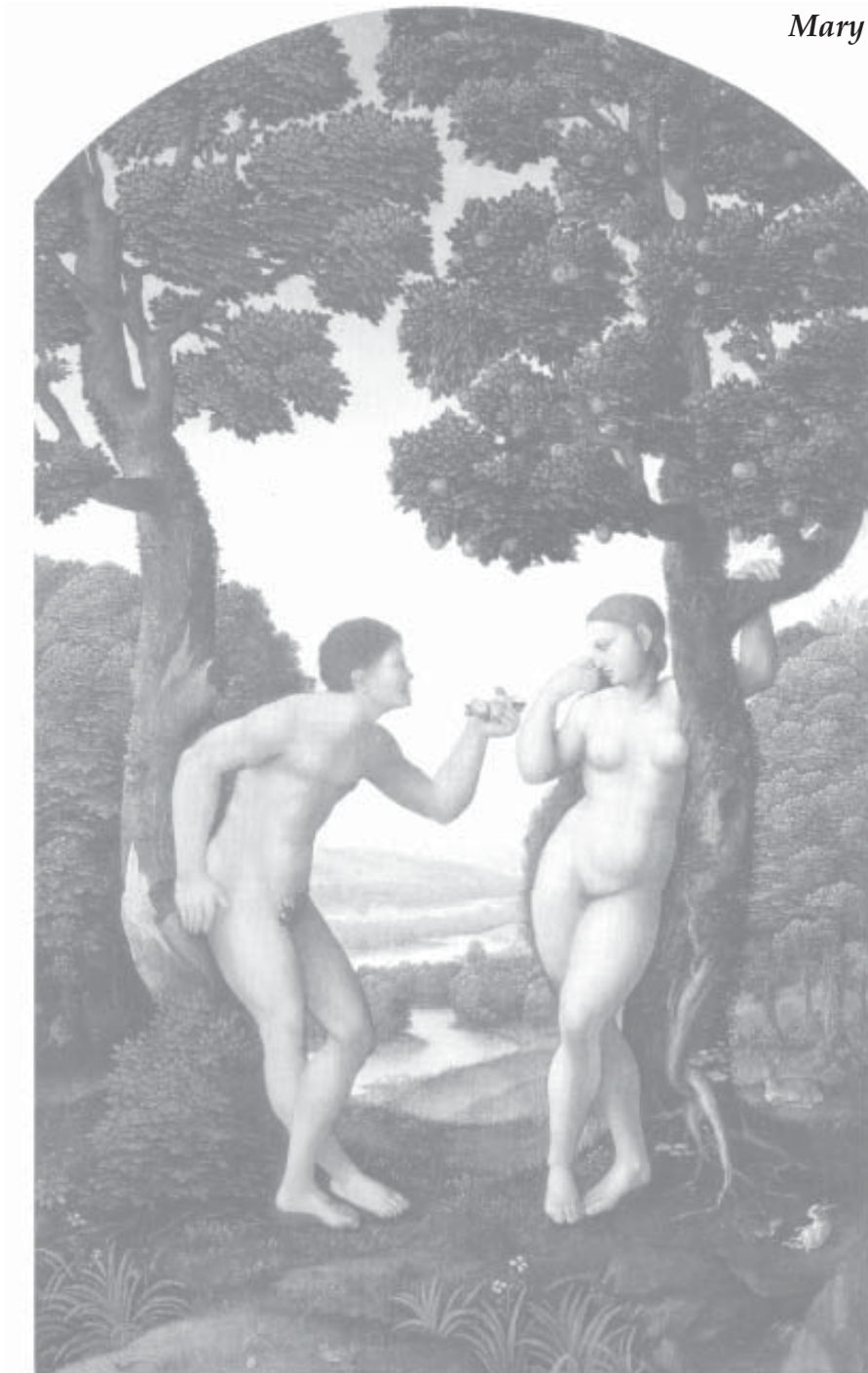


Erradicar o pecado do HETEROSSEXISMO

Mary E. Hunt



Jan van Scorel - Adão e Eva - 1540

O debate sobre a homossexualidade em círculos católicos desembocou num completo impasse. As pessoas que julgam a homossexualidade um pecado e aquelas que a consideram um estilo de vida saudável, bom, natural e sagrado, simplesmente discordam umas das outras...

Caso esse impasse fosse algo sem conseqüências, eu o ignoraria. Porém, como a Igreja Católica Romana institucional influencia as políticas públicas em muitos países, causando danos psicológicos e espirituais ainda não avaliados a muitos de seus membros, julgo vital a necessidade de entrar no debate, pretendo ao menos alterar seus parâmetros. Sugiro aos católicos/as um trabalho conjunto de erradicação do heterossexismo para, então, e só então, revisitar a questão da homossexualidade.

Permitam-me situar minhas observações a identificação de mim mesma e de minha perspectiva. E depois examinarei o amor por pessoas do mesmo sexo e o catolicismo norte-americano, mediante uma articulação da conhecida posição católica kyriárquica¹ e farei uma breve revisão do histórico *gay*/lésbico a fim de demonstrar que há sobre esse assunto uma variedade de posições católicas. Vou limitar minhas fontes ao contexto

«Aos olhos de algumas pessoas, somos um novo modelo de Família Católica do Ano. Para os de outras, naturalmente, somos o epítome de tudo o que há de maléfico no mundo...»

católico norte-americano, que conheço melhor. Vou mostrar que, embora tenhamos avançado muito na frente católica popular, a posição kyriárquica católica fundamental em nada se alterou. A meu ver, isso é decorrente em larga medida do fato de se examinar o problema errado, isto é, a homossexualidade, e não o heterossexismo, que é o verdadeiro problema. Vou sugerir que a tarefa moral que temos diante de nós não é tanto simplesmente tornar a homossexualidade aceitável quanto erradicar o heterossexismo. Farei sugestões concretas de passos para alcançar esse objetivo e vou concluir com aquilo que julgo ser resultados positivos.

Sou uma teóloga feminista católica lésbica e levo há mais de 25 anos uma vida feliz com uma mulher



maravilhosa. Adotamos uma filha, hoje com 4 anos de idade (uma garotinha de nome Catarina, inspirado em Catarina de Sena), chinesa, no dia 12 de dezembro de 2001, quando se comemora a Festa de Nossa Senhora de Guadalupe. Aos olhos de algumas pessoas, somos um novo modelo de Família Católica do Ano. Para os de outras, naturalmente, somos o epítome de tudo o que há de maléfico no mundo.

A mais recente manifestação fundamentada do Vaticano sobre a questão do amor por pessoas do mesmo sexo é de 2003 e tem por título *“Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais”*, divulgado em resposta à discussão internacional sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo.² A afirmação que cito a seguir teve sobre mim um impacto particular: “Permitir que crianças se tornem membros de uniões homossexuais através da adoção significa na realidade praticar violência contra essas crianças, no sentido de que se aproveita do seu



estado de fraqueza para introduzi-las em ambientes que não favorecem o seu pleno desenvolvimento. Não há dúvida de que uma tal prática seria gravemente imoral...” (par. 7).

Embora eu venha trabalhando há décadas com os aspectos teológicos católicos do amor entre pessoas do mesmo sexo, essa asserção implica algo acerca de minha vida que sei ser inverídico. Ela me ajudou a perceber o impacto destrutivo do heterossexismo católico. Num primeiro momento, fiquei imaginando – um tanto ironicamente – se as pessoas que elaboraram e aprovaram essa declaração tinham passado alguma vez uma noite em claro cuidando de uma criança adoentada. Perguntei-me se teriam visto, e nem falo em ter segurado nos braços, uma das centenas de milhares de crianças cuja orfandade decorre de políticas populacionais sexistas ou da pandemia do HIV/aids. Muitas famílias lésbicas e gays têm em seu âmbito crianças com essas características, acolhendo-as com amor e afeto, a partir

da consideração de que a vida de uma criança com um só genitor ou dois genitores do mesmo sexo é bem melhor do que padecer numa instituição ou então, o que é pior, morrer por falta de cuidados.

Quando me pus a refletir, percebi que as autoridades do Vaticano ou têm uma ignorância abissal com

«Meu projeto teológico tem por base a necessidade de justiça sexual. Apresentei num livro de título *Good Sex* argumentos em favor do que denomino “sexo bom, sexo justo” como direito humano essencial...»

respeito às realidades do mundo em que vivemos, ou revelam uma fixação patológica na necessidade de que um dos genitores seja da coluna A e o outro da coluna B. Ou seja, é tamanha sua preocupação com a presença de um homem e de uma mulher, no sentido biológico, sem levar em conta outras dimensões que essas pessoas trazem ao relacionamento, que são as autoridades do Vaticano, e não os genitores do mesmo sexo, os agentes da violência contra as crianças. Trata-se do tipo clássico de reversão que Mary Daly caracterizou em *Beyond God the Father* há mais de 30 anos.³ Uma variedade de estudos tem demonstrado que crianças com genitores do mesmo sexo se saem muito bem. O que pode haver de diferente nelas é uma maior liberdade de experimentação com parceiros do mesmo sexo do que nas crianças em outras circunstâncias, mas o fato é que é mais ou menos a mesma a porcentagem delas que vem a ser heterossexual.

Meu projeto teológico tem por base a necessidade de justiça sexual. Apresentei num livro de título *Good Sex* argumentos em favor do que denomino “sexo bom, sexo justo” como direito humano essencial.⁴ “Sexo bom, sexo justo” é um trocadilho ou jogo de palavras usado para enfatizar meu ponto de partida católico numa tradição que busca a justiça em todas as dimensões da vida humana. Essa tradição tem como um de seus imperativos de fé o envolvimento ativo na mudança social com vistas a instaurar a justiça. Mostro-me firmemente a favor de relacionamentos sexuais seguros,

prazerosos, criadores de comunidade e conducentes à justiça como parte de um programa social mais amplo. Esse programa tem como foco a erradicação do sexismo, racismo, da opressão econômica, do colonialismo e, naturalmente, do heterossexismo, naquilo que Elisabeth Schüssler-Fiorenza denominou “kyriarquia”, isto é, formas inter-estruturadas de senhorio de caráter opressivo.⁵

A justiça sexual, ou “sexo bom, sexo justo”, não é um interesse isolado, um interesse especial, nem uma questão de privilégio, mas um dos componentes de uma estratégia e de um compromisso coerentes de concretização, em nossa época, dos valores do amor e da justiça promovidos pelo catolicismo. O que há de novidade aqui é a ciência do comportamento e a antropologia do amor entre pessoas do mesmo sexo, o fato de ser este considerado hoje um estilo de vida comum e saudável.⁶ Isso não mais é uma novidade, não podendo ser ignorado por quem alega falar teologicamente num momento pós-moderno. Se, contudo, essas mudanças na antropologia são ignoradas, não se trata tanto de um desacordo entre o Vaticano e minha perspectiva, quanto do fato de estarmos vivendo com base em visões de mundo distintas entre si, visões essas que podem efetivamente ser irreconciliáveis. Parecemos mais navios que passam à noite uns pelos outros do que navios que se chocam entre si.

Afirmo que o amor entre pessoas do mesmo sexo é saudável, bom, natural e sagrado. Fundamento meu ponto de vista em dados científicos, de cunho social e biológico, especialmente os advindos da psicologia, que há muito tempo recusa a homossexualidade como categoria patológica. Trata-se de um fato que o Vaticano vem insistentemente ignorando, o equivalente analítico de fazer de conta que a Teoria da Relatividade, de Einstein, não altera a filosofia e os nossos modos de agir no mundo. Outros dados ignorados na configuração que faz o Vaticano do sexo homossexual como errado em toda e qualquer circunstância são os coletados pela sociologia, os quais mostram que o amor entre pessoas do mesmo sexo é vivido de maneira tão saudável quanto o permite o heterossexismo em virtualmente todas as culturas humanas. Também são descartados os dados do senso comum, que apontam praticamente milhões de exemplos de pessoas em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo que agem como agentes morais maduros.

Mesmo em termos teológicos clássicos, as pessoas lésbicas/gays/bissexuais e transgêneres podem personificar a Virtude da temperança, nos termos de Tomás de Aquino, uma vez que se percebe que não cometem “vícios contra a natureza”, (*vitia contra naturam* -*Summa*, IIa IIae, q. 154, a.12), uma vez disponíveis os referidos dados atualizados acerca da natureza. Nem são esses



Grupo CORSA

relacionamentos necessariamente não-procriadores (*Summa*, IIa IIae, q.154, a.1), como eu mesma posso garantir, a não ser que se entenda a procriação da maneira mais estreitamente biologista. Julgo intelectualmente embaraçoso perceber que esses fatos simples e óbvios estão ausentes do ensinamento católico oficial contemporâneo sobre a homossexualidade.

O ensinamento institucional não mudou muito em 100 anos. Ele se acha disponível para o consumo público no *Catecismo da Igreja Católica*: “A tradição sempre declarou que ‘os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados’ [141]. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados.”⁷

Além das mudanças naquilo que é “natural”, bem como naquilo que constitui “o dom da vida”, há muitos debates entre historiadores sobre se a homossexualidade sempre foi proscrita. O historiador John Boswell defendeu a idéia da ocasional tolerância da homossexualidade na comunidade cristã ao longo dos séculos.⁸ A questão da “complementaridade sexual” também é suspeita quando há, na verdade, casos de mulheres e de homens que têm mais em comum entre si do que algumas mulheres com outras mulheres e alguns homens contra outros homens — Boy George e Arnold Schwarzenegger, Martina Navratilova e Marilyn

Monroe me ocorrem imediatamente como sendo mais complementares do que, digamos, Bill e Hillary Clinton, que exibem certa “mesmeidade” indistinta.

Para evitar que o recém-descoberto entusiasmo social pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo diluísse o ensinamento, o Vaticano muito se empenhou em reiterar nas *Considerações* de 2003 que “Não existe nenhum fundamento para equiparar ou estabelecer analogias, mesmo remotas, entre as uniões homossexuais e o plano de Deus sobre o matrimônio e a família. O matrimônio é santo, ao passo que as relações homossexuais estão em contraste com a lei moral natural. Os atos homossexuais fecham o ato sexual ao dom da vida. Não são fruto de uma verdadeira complementaridade afetiva e sexual. Não se podem, de maneira nenhuma, aprovar.(par. 4).”

Essa formulação, quase idêntica ao *Catecismo*, também leva a extremos a credulidade. A que se assemelham então os casamentos entre pessoas do mesmo sexo senão ao casamento e à família? Talvez o Vaticano julgue que são análogos à pena de morte, ao assassinato, à guerra, à tortura ou a quaisquer outros males que podemos imaginar. É um puro e simples absurdo afirmar que os casamentos entre pessoas do mesmo sexo não são como os casamentos heterossexuais, quando eles envolvem duas pessoas que se amam, que assumem um compromisso e que pretendem viver juntas.



Conhecendo casais do mesmo sexo que se casaram legalmente no Estado de Massachusetts ou nas cidades de São Francisco, Califórnia, ou Portland, Oregon, para não falar da Suécia e da Holanda, afirmo sem medo que o símile primordial é o casamento, ainda que a meu ver o casamento seja problemático para todos, heterossexuais e homossexuais.⁹

O que julgo mais perturbador na posição do Vaticano é que ela não faz distinções intra- ou inter-relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Claro que há alguns relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo que são, tal como suas contrapartes heterossexuais, moralmente dúbios. Ainda assim, é mais uma vez intelectualmente embaraçador ver católicos do século XXI ficar restritos a esse tipo de generalização. De modo algum nos faltam condições para fazer muitas e sutis distinções no interior de, e entre, todo tipo de relacionamentos amorosos, tanto aqueles que desejamos

«É um puro e simples absurdo afirmar que os casamentos entre pessoas do mesmo sexo não são como os casamentos heterossexuais, quando eles envolvem duas pessoas que se amam, que assumem um compromisso e que pretendem viver juntas...»

imitar como aqueles que julgamos destrutivos. Formamos esses juízos a partir de critérios que vão bem além da constelação sexual das pessoas envolvidas. A grande perda sofrida nesse caso é a falta de uma discussão teológica pública e franca, para não falar de oficial, acerca dos aspectos bons do amor entre pessoas do mesmo sexo.

É alto o preço da ausência de uma tal conversação. Esse preço tem sido pago mediante os milhões de dólares envolvidos em acordos relativos a casos de abuso sexual, a maioria dos quais de homens com relação a outros homens. O tópico relevante do abuso sexual da parte de membros do clero não é a homossexualidade, mas o clima de medo, de silêncio e de duplicidade que cria as condições para comportamentos perniciosos e

criminosos e para seu acobertamento. O livro de Mark Jordan, *The Silence of Sodom*, narra essa história da melhor maneira.¹⁰ Não sugiro que a homossexualidade esteja na base do abuso sexual da parte de membros do clero — que resultou nos mais graves problemas morais e legais da história da Igreja Católica norte-americana. Em vez disso, alego que os ensinamentos heterossexistas e as sanções que os acompanham deixam pouco espaço para expressões públicas, legais e saudáveis do amor

«... é esse partidarismo heterossexista, que tem contribuído para a bem merecida reputação do catolicismo como o símbolo máximo da repressão ...»

entre pessoas do mesmo sexo. Essa repressão pode facilmente resultar nos sórdidos comportamentos de que tivemos notícia, decorrentes do fato de a cultura dos clérigos não ter prática em abordar de modo saudável a gama de sexualidades manifesta entre padres, nem estruturas públicas de assunção de responsabilidade por aqueles que transgrediram sexualmente as fronteiras profissionais. Mais uma vez, não está em foco a homossexualidade *per se*, mas a cultura heterossexista eclesialmente construída que ajudou a disseminar um inconcebível abuso criminoso.

É o total apagamento do amor entre pessoas do mesmo sexo, é esse partidarismo heterossexista, que tem contribuído para a bem merecida reputação do catolicismo como o símbolo máximo da repressão a formas transgressoras de sexualidade. Basta participar da Parada Gay anual da cidade de Nova York para sentir a profundidade da emoção que se mostra quando a multidão se aproxima da Catedral de St. Patrick, cercada pelos policiais da cidade num cordão de isolamento e hermeticamente fechada. O fato de não se permitir que pessoas lésbicas e gays de origem irlandesa participem do Desfile do Dia de São Patrício em Nova York constitui um lembrete anual de como a Igreja Católica exerce seu poder. Não obstante, ativistas como Susan O'Brien e Brendan Fay rejeitaram essa opção há vários anos. Elas e seus amigos criaram uma parada anual inclusiva como alternativa criativa à excludente. Se a história for de fato um juiz, um dia só vai haver uma única parada em que lésbicas e gays católicos irlandeses vão desfilarem em atitude de gratidão para com nossos ancestrais.

Esse é o poder de católicos comuns que se empenham, antes da instituição, para erradicar o heterossexismo. E o mesmo ocorre no plano teológico.

Diante do inequívoco ensinamento em contrário, beira o miraculoso a existência de uma vibrante comunidade católica lésbica, gay, bissexual e, mais recentemente, transgênera, tanto nos EUA como em muitos países ao redor do mundo. Vou limitar minhas observações ao contexto norte-americano, mas sei, a partir de trabalhos do Brasil, da Argentina, do Uruguai, da Austrália e em vários países europeus, especialmente a Alemanha, a Suíça e a Holanda, que há em toda parte católicos/as lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e *queer* (LGBTQ) dentre mais de 1 bilhão de pessoas que se dizem ligadas à tradição católica. Esse simples fato constitui um estímulo para a minha análise, pois percebo que, para o bem ou para o mal, o catolicismo é responsável pelos fundamentos morais e as estruturas legais de muitos países, especialmente na América Latina.

Nas três últimas décadas, surgiram de muitos lugares contestações à posição católica oficial sobre a homossexualidade. Algumas foram discretas: o trabalho de mulheres e homens, inclusive de freiras lésbicas e de padres e irmãos gays. Outras tiveram caráter mais público e acadêmico. Entre as primeiras, e mais produtivas, esteve o trabalho do padre jesuíta John J. McNeill, cujo livro, *The Church and the Homosexual*, resultou em sua expulsão da Companhia de Jesus. O padre McNeill ocupa um lugar de destaque no panteão de heróis lésbicos/gays. Ele escreveu que: “Os homossexuais que são parte da Igreja têm a obrigação, e por conseguinte o direito, de organizar-se e tentar entabular um diálogo com as autoridades eclesiais. As autoridades da Igreja, por sua vez, devem dar o exemplo em termos de comportamento justo... mediante a demonstração de uma disposição ativa de ouvir, de entrar em diálogo e de buscar formas de resolver quaisquer injustiças que se evidenciem como resultado do diálogo”.¹¹



Essas palavras foram escritas em 1976 – e continuamos a esperar esse diálogo. Mesmo assim, John McNeill abriu uma porta que possibilitou a muitas pessoas lésbicas e gays católicas conceberem a si mesmas como pessoas católicas e boas.

O New Ways Ministry foi fundado pela Irmã Jeannine Gramick e pelo Padre Robert Nugent em 1977, destinando-se a proporcionar “um ministério de acolhimento da condição homossexual, voltado para a defesa de direitos e a justiça, a católicos/as lésbicas e gays, bem como de reconciliação com as comunidades cristã e civil mais amplas”.¹² A New Ways ajudou muitas pessoas lésbicas e gays, especialmente membros de comunidades religiosas; e, hoje, muitos pais de filhos/as lésbicas e gays, a enfrentar a dissonância espiritual que a Igreja kyriárquica criou em torno da condição de pessoa lésbica/gay e ao mesmo tempo católica. A medida do sucesso da New Ways foi sua condenação pelo



Vaticano, que ordenou aos dois fundadores que interrompessem seu ministério e dele desistissem. Atualmente, esse trabalho é levado a efeito por outras pessoas que compartilham de suas concepções.

Dignity é uma organização lésbica e gay católica fundada em 1969 sob a liderança do padre Patrick Nidorf, O.S.A. Sua missão consiste em trabalhar “em prol do respeito e da justiça para todas as pessoas gays, lésbicas, bissexuais e transgêneres da Igreja católica e do mundo mediante a educação, a defesa de direitos e do apoio”¹³ Dezenas de capítulos se reúnem por todo o país, ainda que nenhum desses encontros possam ocorrer nas dependências da Igreja Católica. Eles celebram a Eucaristia e se consideram tão católicos quanto o é o Papa. A Dignity estende sua ação a muitas outras pessoas marginalizadas, trabalha em parceria com outros grupos católicos progressistas na reforma da Igreja e proporciona uma

experiência de igreja a milhares de católicos/as LGBTQ, suas famílias e amigos.

A Conference for Catholic Lesbians foi fundada em 1983 para “promover a visibilidade e a comunidade lésbica católica”.¹⁴ Embora tenha sido sempre bem menor do que a Dignity, sendo agora principalmente uma comunidade virtual na Internet, a CCL empodera as mulheres a reivindicar uma identidade católica e um estilo de vida lésbico sem contradição. Muitas mulheres lésbicas católicas consideram que a contradição fundamental reside antes em ser mulher numa Igreja sexista do que lésbica numa Igreja heterossexista. Muitos homens gays consideram que a contradição fundamental reside antes em ser gay numa Igreja homosocial, isto é, dotada por uma casta eclesial formada apenas por homens, e não julgam contraditória a condição de homens numa Igreja kyriárquica. Isso explica algumas das vastas diferenças entre lésbicas católicas e gays católicos no que se refere a estratégias e táticas. Por exemplo, mulheres católicas feministas revelam uma profunda preocupação com a forte discriminação contra todas as mulheres em matéria de saúde reprodutiva, ordenação etc., instando-nos a buscar realizar mudanças substantivas na estrutura da Igreja em vez de nossa inclusão pura e simples na estrutura existente. Muitos gays não feministas, por outro lado, interessam-se por reformar a natureza anti-gay da Igreja a fim de incluí-los nos termos desta do que em transformar a estrutura como um todo. Ainda assim, o solo comum do heterossexismo tem mantido ao longo das décadas o contato entre gays católicos e lésbicas católicas. Esse fato constitui fator de estímulo para um movimento conjunto durante muitos anos.

Os estudos acadêmicos católicos sobre questões LGBTQ proliferam apesar da clareza e da gravidade da posição do Vaticano. Por exemplo, Patricia Beattie Jung, professora de teologia da Universidade Loyola em Chicago, reuniu um grupo de estudiosos católicos a fim de examinar a erudição bíblica e os ensinamentos católico-romanos oficiais acerca da moralidade do amor entre pessoas do mesmo sexo. A coletânea de ensaios resultante, *Diversidade sexual e catolicismo - para o desenvolvimento da teologia moral*, inclui uma ampla gama de bem-fundadas opiniões teológicas católicas que permanecem todas elas no âmbito da tradição.¹⁵ A discussão da moralidade do amor entre pessoas do mesmo sexo representa a vanguarda da ampla atividade de revisão teológica católica da ética sexual. Por exemplo, na coletânea de Patricia Beattie Jung, Christina L. H. Traina examina o casamento heterossexual e conclui que “a fertilidade e a durabilidade últimas de toda união, heterossexual ou homossexual, não têm nenhuma relação com a complementaridade ou a falta de complementaridade de gêneros. Mas têm tudo a ver

com a fé, com a amizade, com a generosidade, com o apoio comunal, com o encontro casual e feliz das personalidades, com o afeto sexual e verbal e com o enorme esforço necessário para a formação mútua de uma parceria que dá certo.”¹⁶ As reflexões da doutora Traina demonstram que as implicações da mudança de perspectiva com relação à homossexualidade vai ter um impacto amplo e positivo sobre as concepções de sexualidade em geral. Não admira que o Vaticano esteja com tamanho pânico!

No meu ensaio na mesma coletânea, “Teologia Feminista Lésbica Católica”, alego que “uma teologia feminista lésbica católica já não é um oxímoro” ainda que mal comece a ser articulada.¹⁷ Claro que ouvimos falar de freiras lésbicas e de outras mulheres lésbicas católicas.¹⁸ Alego contudo que a expressão sexual lésbica, como toda expressão sexual, “é parte de uma constelação relacional” e que a verdadeira questão é até que ponto “esse relacionamento é conducente à comunidade. O resto, como dizem os rabinos, é comentário.”¹⁹

Aplicam-se aqui critérios que remetem à idéia de “sexo bom, sexo justo”: segurança, responsabilidade, equidade, e carinho, atributos que soam, a meu ver, sem exceção, deveras católicos. As lésbicas têm a opção da maternidade, de partilhar o chamado humano à santidade e de responder ao “convite a partir o pão e fazer justiça”.²⁰ Trata-se de um prolegômeno a uma teologia feminista lésbica católica que minhas colegas e eu precisamos desenvolver em benefício de toda a Igreja, quer seja esse ou não o desejo desta.

Em todo e qualquer domingo, podemos encontrar uma ampla variedade de concepções católicas sobre a homossexualidade tanto nos bancos da Igreja como longe deles. Mas apesar de toda a diversidade, e de todos os avanços dados por católicos progressistas, a instituição, com poucas exceções, permanece inabalável em sua condenação, hostil em seu comportamento e prejudicial em seu ministério. Eu a ignoraria como um vestígio do universo dos desinformados não fosse seu impacto tão negativo sobre a cultura como um todo. A eleição presidencial de 2004 provou que os bispos católicos dos EUA continuam a ter bem mais capacidade de influenciar o eleitorado do que eu gostaria de admitir. Algumas pesquisas de opinião alegam que a margem de vitória do presidente Bush foi garantida pelos comentários de alguns bispos e pelo silêncio de outros no tocante às opiniões dos candidatos sobre a saúde reprodutiva e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Considero um escândalo o fato de os bispos não afetarem questões relativas à guerra, à tortura, à ganância ou à pena de morte. Julgo que a tradição social e intelectual católica é capaz de muito mais e merece muito mais. Com vistas a isso, proponho que alteremos

«Temos maturidade moral suficiente para reconhecer que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, assim como os relacionamentos entre pessoas de sexos distintos, apresentam todo tipo de combinações...

os parâmetros e as prioridades do debate.

Enquanto se mantiver o foco na homossexualidade, obrigando-se pessoas lésbicas e gays a defender nosso amor de uma antropologia obsoleta e de uma falta de compreensão científica social, só vai aumentar o hiato entre a Igreja kyriárquica e a comunidade católica. Embora as pesquisas de opinião não sejam a base da teologia, é simplesmente impossível ignorar que, da mesma maneira como alteraram seu ponto de vista acerca da escravidão, do lugar das mulheres e do papel de ciência, assim também muitos católicos alteraram seu modo de ver a homossexualidade. Temos maturidade moral suficiente para reconhecer que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, assim como os relacionamentos entre pessoas de sexos distintos, apresentam todo tipo de combinações. O foco ético está na qualidade do amor, não na quantidade de cada sexo envolvido. Aquilo que a tradição católica pode ensinar a esse respeito advém de teólogos cujas concepções, tal como a minha, não correspondem à kyriárquica. Não obstante, julgo útil, por uma questão pragmática, buscar pontos de contato, num esforço por limitar os prejuízos causados pela instituição, especialmente aos jovens.

Passar a discussão da homossexualidade para o heterossexismo é um passo nessa direção. Trata-se de um esforço de ir de uma conversação improduti-va acerca da homossexualidade, em que o acordo se faz difícil, a uma conversação produtiva sobre o heterossexismo, em que julgo um amplo acordo uma real possibilidade. Mesmo o *Catecismo* (par. 2358) parece deixar isso implícito ao reconhecer a existência de muitos católicos LGBTQ (mais do que se sabe, especialmente entre padres, com relação aos quais mesmo estimativas conservadoras indicam que pelo menos metade dos sacerdotes católicos norte-america-



nos são gays, porcentagem que, com base em observações que fiz, pode ser maior. As punições aplicadas a padres abertamente gays impedem que alguém obtenha dados precisos). O *Catecismo* afirma que a homossexualidade é dada, em vez de escolhida. Contrariando grande número de provas em contrário, alega que a homossexualidade é “uma provação”. Trata-se de mais uma reversão. Posso garantir que o amor entre pessoas do mesmo sexo é maravilhoso, mas o heterossexismo é uma provação.

O texto do *Catecismo* diz: “Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta”. Creio que isso pode ser entendido generosamente como uma abertura em favor da erradicação do heterossexismo. Como vim a perceber arduamente no debate sobre o aborto, esse terreno comum é algo a que só se chega com dificuldade, mas que, quando descoberto, pode

ser um útil recurso de aprofundamento da questão.

O heterossexismo é a atitude e a capacidade de fazer viger a idéia de que a heterossexualidade é normativa, excluindo por isso o pleno florescimento das possibilidades da homossexualidade. Não se deve confundir heterossexismo com homofobia, que é uma abordagem psicológica do mesmo fenômeno, nem com o homo-ódio, que é a articulação explícita de desdém que leva freqüentemente à violência. Em vez disso, o heterossexismo é uma questão pessoal e estrutural que assume muitas formas.

A mais óbvia dessas formas é a proibição do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Há sete sacramentos para católicos heterossexuais e seis para católicos homossexuais. Outro pequeno exemplo é que normalmente se espera que os padrinhos sejam um de cada sexo quando duas mulheres ou dois homens serviriam da mesma maneira. As alegações de que a orientação homossexual é moralmente “intrinsecamente desordenada” e que os atos homossexuais são “intrinsecamente maus” vêm do mesmo pensamento heterossexista. O celibato sacerdotal e o voto de castidade feitos por membros mulheres e homens de ordens religiosas eram entendidos até bem

pouco tempo como uma proibição de relações heterossexuais. Muitos religiosos jesuítas têm justificado com base nisso suas experiências com pessoas do mesmo sexo.

Os prejuízos causados pelo heterossexismo são de causar espanto. Vão do plano pessoal ao político: de um jovem gay que enfrentou a mãe doutora em psicologia sobre os motivos de esta não ter apresentado o amor entre pessoas do mesmo sexo ao lado da heterossexualidade, ao ativo grupo de pressão da Igreja Católica contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Não sou ingênua a ponto de acreditar que a mudança dos termos do debate vá levar da noite para o dia a uma Igreja Católica amiga dos homossexuais. Estou, no entanto, convencida de que os atuais termos desse debate levarão rapidamente a um beco sem saída: as visões de mundo simplesmente não são compatíveis.

Como primeiro passo, sugiro nos concentrarmos no

heterossexismo como pecado, usando para isso uma linguagem tradicional e a teologia sacramental, passando então, se for o caso, à compreensão da homossexualidade como condição moralmente neutra. Não costumo usar o termo “pecado” em meu projeto teológico, mas creio que ele é cabível aqui, dado que o impacto do heterossexismo consiste em impedir que se formem relacionamentos e se concretizem possibilidades. É preciso corrigir isso, e a fórmula católica tradicional da penitência é apropriada a esse objetivo.

Em primeiro lugar, reconhece-se o pecado. Admito que ainda não chegamos a isso, mas posso imaginar um dia em que os católicos vão se arrepender de seu heterossexismo – do mesmo modo como alguns se arrependeram de possuir escravos e outros reconheceram seu sexismo e seu racismo – como precondições para o perdão. Vem em seguida o pedido de perdão. Depois do pedido de perdão, toma-se a resolução de não mais cometer o pecado. Chega, por fim, a penitência ou a oferta de alguma reparação pelo dano cometido. Essa é a fórmula tradicional. Seu histórico mostra ser ela de eficácia comprovada. É fácil compreendê-la, seja qual for a opinião de cada um acerca da homossexualidade. Dados os malefícios que esse pecado causou, sugiro respeitosamente que iniciemos de imediato esse processo – tanto no nível pessoal como no corporativo.

Os benefícios disso para as pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneres são evidentes. Pela primeira vez na história da humanidade, estamos em condições de viver e amar em plena igualdade moral com relação a todas as pessoas. Alguns de nós podem chegar mesmo a ser salvos graças a isso. Contudo, assim como o fim do racismo foi benéfico também para os brancos, e o do sexismo conferiu maior liberdade aos homens, também vejo aqui benefícios para as pessoas heterossexuais. Há ocasiões nas quais o interesse pessoal é a única forma de incitar as pessoas a agir da maneira certa. Pergunto a meus amigos heterossexuais: Por que vocês não questionam as tantas restrições impostas ao amor que lhes foram transmitidas? Não terão vocês perdido parcelas de amor ao longo do caminho? Como vão educar os filhos para serem mais amorosos, neste momento em que as opções se ampliaram? O que se pode aprender com o amor entre pessoas do mesmo sexo que possa aprimorar as relações heterossexuais?

Tomás de Aquino ofereceu cinco provas da existência do divino (*Summa Theologica*, I, 2, 3). *Tomo de empréstimo suas categorias como estrutura a partir da qual demonstrar a grande importância da erradicação do heterossexismo.*

Em primeiro lugar, o argumento a partir do movimento, ou Deus como o primeiro motor: sugiro que, como colaboramos com a energia Divina, precisamos ser quanto

a isso primeiros motores, assinalando tanto o caráter pecaminoso do heterossexismo, porque este limita o amor, como o potencial de um mundo amigo dos parceiros de mesmo sexo no sentido da promoção da justiça. Agora que sabemos que a homossexualidade é saudável, boa, natural e sagrada, vejo este como um imperativo teo-ético.

Vem em segundo lugar o argumento da primeira causa eficiente, ou Deus como a causa de tudo o que vem depois dele. Seguindo esse espírito, julgo poder dizer que o heterossexismo causa danos ainda não avaliados. Sua erradicação é o primeiro passo na direção de um contexto seguro e justo no qual amar.

O terceiro é o argumento da possibilidade e da necessidade, e diz que Deus existe graças a uma necessidade do próprio Deus: logo, também podemos dizer que a correção do heterossexismo deve ocorrer pelo próprio valor dessa correção, uma vez que o heterossexismo restringe o amor.

O quarto argumento é o da gradação, ou de como as coisas alcançam a bondade: É impossível pensar que o amor humano seja capaz de florescer quando se erguem barreiras *a priori* ao seu desenvolvimento. É isso o que faz o heterossexismo, e é por isso que ele deve ser erradicado.

Há, por fim, o argumento do Divino como ser inteligente “que dirige todas as coisas naturais para seu fim”. Quem coopera com o Divino precisa comportar-se de maneira igualmente inteligente, reconhecendo o heterossexismo como a questão moral relevante e descobrindo maneiras de erradicá-lo.

Disso advirão ao menos três resultados positivos:

- 1. O catolicismo entrará no século XXI com alguma integridade moral e intelectual. Ainda que não vá haver um total acordo imediato acerca do problema do heterossexismo, ao menos a comunidade católica estará debatendo a questão certa.**
- 2. A remoção do foco moral da homossexualidade vai representar uma “normalização” implícita dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ou ao menos alguma oportunidade de refletir sobre o caráter nada fora do comum da maioria desses relacionamentos.**
- 3. Por fim, há algo de revigorante em iniciar um novo debate. As desgastadas e velhas polarizações se desfazem e se formam novas alianças. Posso até chegar a concordar com o Cardeal Ratzinger quando nos dermos as mãos para erradicar o heterossexismo que afeta tanto a mim como a ele.**

O esforço de erradicação do heterossexismo deriva do debate mais amplo acerca dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo que se trava hoje virtualmente em todas as tradições religiosas. Agrada-me o fato de os católicos norte-americanos poderem contribuir com o desafio metodológico de focar antes o heterossexismo do que a homossexualidade para a conversação inter-religiosa, bem como para a Igreja Católica mundial à qual tanto devemos.

Mary E. Hunt, Ph.D., is a feminist theologian who is co-founder and co-director of the Women's Alliance for Theology, Ethics and Ritual (WATER) in Silver Spring, Maryland, USA. A Roman Catholic active in the women-church movement, she lectures and writes on theology and ethics with particular attention to liberation issues.

Dr. Hunt received the Ph.D. from the Graduate Theological Union in Berkeley, California. She also received the Masters in Divinity degree from the Jesuit School of Theology at Berkeley and the Masters in Theological Studies from Harvard Divinity School. Her undergraduate degree in Theology and Philosophy is from Marquette University. She completed Clinical Pastoral Education and is fluent in Spanish. After graduation, she spent several years teaching and working on women's issues and human rights in Argentina as a participant in the Frontier Internship in Mission Program. She continues that work through WATER's project, «Women Crossing Worlds,» an ongoing exchange with Latin American women.

Dr. Hunt was Adjunct Assistant Professor of Women's Studies at Georgetown University for five years. She has lectured and taught at numerous institutions. For the 2000-2001 academic year she was at Harvard Divinity School as a Research Fellow at the Center for the Study of Values in Public Life.

Tradução: © Adail Sobral, 2005

Notas

1-Ver a esse respeito nota 6 e Elisabeth Schüssler-Fiorenza, *Jesus and the Politics of Interpretation* (edição brasileira em preparação por Edições Loyola, trad. Adail Sobral). As relações kyriárquicas são marcadas pelo domínio do senhor, do proprietário, do "ma-

cho", sobre todas as outras categorias sociais. N.T.

2-*Considerations Regarding Proposals to Give Legal Recognition to Unions between Homosexual Persons*, Joseph Cardinal Ratzinger, Congregation for the Doctrine of the Faith, June 3, 2003.

3- Mary Daly, *Beyond God the Father*. Boston: Beacon Press, 1973, p. 95-97. [A reversão a que se refere a autora tem por foco as representações patriarcais negativas das mulheres. N.T.]

4- Mary E. Hunt, "Just Good Sex: Feminist Catholicism and Human Rights," in *Good Sex: Feminist Perspectives From the World's Religions*, edited by Patricia Beattie Jung, Mary E. Hunt, Radhika Balakrishnan, New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, p. 169. [Edição em português, da CDDBR: *Sexo Bom, Sexo Justo - Catolicismo feminista e direitos humanos*. Cadernos 7, trad. Adail Sobral. N.T.]

5- Elisabeth Schüssler Fiorenza, *But She Said: Feminist Practices of Biblical Interpretation*. Boston: Beacon Press, 1992, pp. 117, 123.

6- "Informing the Debate on Homosexuality: The Behavioral Science and the Church," Isiah Crawford and Brian D. Zamboni in *Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology*. Patricia Beattie Jung with Joseph Andrew Coray, editors, Collegeville, MN. The Liturgical Press, 2001, pp. 216-251. [Edição brasileira: "Elementos para o debate sobre a homossexualidade: as ciências do comportamento e a Igreja". *Diversidade sexual e catolicismo - para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 247-282, trad. Adail Sobral.]

7 - *Catechism of the Catholic Church*. United States Catholic Conference Inc., Washington, DC, 1994.

8- John Boswell, *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

9- Ver Mary E. Hunt, "Same-Sex Marriage and Relational Justice," Roundtable Discussion on "Same-Sex Marriage," *Journal of Feminist Studies in Religion*, Vol. 20, No. 2, p. 83-92.

10- Mark Jordan, *The Silence of Sodom: Homosexuality in Modern Catholicism*. Chicago, The University of Chicago Press, 2002.

11- John J. McNeill, *The Church and the Homosexual*. 4th edition, Boston: Beacon Press, 1993 (1974), p. 195.

12- New Ways Ministry, <http://mysite.verizon.net/~vze43yrc/>. Acessado 6 de março de 2005.

13- Dignity USA, <http://www.dignityusa.org/whatis.html>. Acessado 6 de março de 2005.

14-1 Conference for Catholic Lesbians, <http://www.catholiclesbians.org/pages/ccltoday.html>. Acessado 6 de março de 2005.

15- Patricia Beattie Jung with Joseph Andrew Coray, editors, *Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology*. Collegeville, MN. The Liturgical Press, 2001 [*Diversidade sexual e catolicismo - para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005, trad. Adail Sobral].

16- Cristina L.H. Traina, "Papal Ideals, Marital Realities: One View from the Ground," in *Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology*, edited by Patricia Beattie Jung with Joseph Andrew Coray. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 2001, p. 269-288. [Ed. bras.: p. 318.]

17- Mary E. Hunt, "Catholic Lesbian Feminist Theology" in *Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology*, edited by Patricia Beattie Jung with Joseph Andrew Corway. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 2001, pp. 289 (289-304). [Ed. bras.: p. 319.]

18- Rosemary Curb and Nancy Manahan, editors, *Lesbian Nuns: Breaking Silence*. Tallahassee, FL: The Naiad Press, Inc., 1985; Barbara Zanotti, editor, *A Faith of One's Own: Explorations by Catholic Lesbians*. Trumansburg, NY: The Crossing Press, 1986.

19- Hunt, Op. cit., p. 300 (Ed. bras.: 332).

20- Hunt, Op. cit., p. 302 (Ed. bras.: 334).